

Morde-e-assopra

A última pesquisa do Ibope esvaziou a bolha de interesse da pré-campanha eleitoral, rebaixando a coitada à fila de espera do fim da Copa do Mundo ou do desempenho da Seleção – desestabilizada depois do vexame da derrota para a Noruega e de repetidas crises de desconcentração. Parece que anda ruim de bola e de cuca.

A estagnação de Lula no patamar de 28% sugere que o candidato petista deu um salto do seu índice histórico de 22% a 24%, faturando o saldo dos 2% a 4% do companheiro de chapa e consolidando os lucros de seu grande momento, quando pintou a virada que durou pouco, com a recaída da atividade política na monotonia ociosa da rotina.

Mas, com a inversão da tendência de queda dos índices de Fernando Henrique – que ascendeu de 33% à casa dos 36%, recuperando 3% dos 9% perdidos na degradingolada do pique de 45%, registrado em janeiro da certeza da vitória com liquidação da fatura no primeiro turno –, o movimento na bolsa de especulações despencou no fundo raso do desinteresse.

Para falar com toda a franqueza, a campanha perdeu a graça e não está prometendo grande coisa para os três meses e oito dias que faltam para a eleição. A Copa não tem culpa e não merece ser responsabilizada pelos que vivem buscando pretextos para exibir o desprezo elitista pelo futebol, esporte do povão.

O que acontece é que estamos assistindo ao bis de 94, com a mesma peça e os mesmíssimos atores nos papéis principais. Até no elenco de apoio repetem-se figurantes, como o Enéas, além de fregueses dos traços nas pesquisas. Mudou pouco o enredo. Quase nada. E os anos deixaram marcas na dupla dos favoritos. Estão mais velhos, multiplicaram-se os fios brancos nas barbas de Lula e na cabeleira presidencial. Os sulcos nas fisionomias fatigadas afundam nos cantos da boca, no risco do nariz. Também as idéias, propostas, promessas se não caducaram, parecem a repetição de quatro anos. Com ligeiros retoques, como maquiagem que disfarça rugas ou a tintura no cabelo para tapear os estragos do tempo.

Lula não conseguiu sustentar-se na vaga de reação popular contra os muitos erros e a fieira de tolices do candidato à reeleição e de sua equipe, desfalcada de titulares insubstituíveis. Não caiu, não subiu: está como pipa planando em céu sem aragem.

A euforia voltou ao sorriso do presidente. Ele tem o que comemorar depois do susto. Sem exagero. Uma dose de humildade e de prudência não faria mal na avaliação objetiva da recuperação de três pontinhos que registram o término da provação amarga e a celebração das pazes com a esperança. Os sinais do estrago são visíveis no aumento do índice de rejeição, pulando de 29% para 32%, quase um terço do eleitorado.

Pois, o adocicado do mel da reconquista de promessas de votos mistura-se com o travo de azedume do reconhecimento da série de equívocos cometidos. Desde a língua solta nos riscos do imprevisto à condução calamitosa no trato com questões populares, que não é o seu forte.

Agora, por exemplo, na concessão tardia do reajuste dos salários dos servidores públicos civis. Inacreditável a salada de bobagens praticadas pela inabilidade e a incompetência, com condimento do molho da burrice de ministros e burocratas que arrastou o governo à hostilidade aberta com os seus servidores, tratados como inimigos.

Durante meses ameaçou com demissão sumária 30 a 50 mil servidores desamparados pela estabilidade. O Ministério da Administração vazava confidências das listas dos condenados que estavam sendo preparadas para a cerimônia próxima da execução em massa. Como era previsível, não demitiu ninguém. Recuou, pagando o mico do desgaste.

Não satisfeito, cuidou de marcar bem a diferença de tratamento a militares e civis, revogando a paridade salarial para antecipar o aumento dos fardados, enquanto os paisanos purgaram a provação de quase quatro anos de salários congelados. E, para mal dos pecados, o governo rogou a praga que não daria um centavo à malta, privilegiando categorias selecionadas com o agrado de reajustes especiais.

Besteira. O presidente-candidato entendeu o recado das pesquisas, dobrou-se à decisão do Supremo Tribunal Federal e assumiu a pose da generosidade, estendendo o aumento a todos, com a promessa dos atrasados desde 93, a serem pagos em 36 parcelas.

Morcego morde e depois sopra para aliviar a dor e distrair a vítima. Não pede voto. Só suga o sangue.